

**QREN - Aldeias de Memória**

## **História de Vida**

de

**Maria Conceição dos Santos**

registada em 2009-02-09  
por

Joana Ribeiro e Hugo Pereira



## **Maria Conceição dos Santos**

Maria da Conceição dos Santos nasceu no dia 29 de Maio, na Mourísia, há 80 anos. O pai, natural do Tojo, era Manuel Gonçalves dos Santos e a mãe era Maria Rosa, nascida na Mourísia. Entre brincadeiras com jogos da roda e o senhor barqueiro, Maria da Conceição ajudava sempre na fazenda, “todo o ano a carregar estercos, a cavar, enleirar”. Com os livros da Nossa Senhora de Fátima, continua a ler, não esquecendo o que aprendeu no pouco tempo de escola e com os ensinamentos das mães crescidas. Aos 9 anos sai da escola para ir servir, São João, Porto Castanheiro, mais tarde Sardal e depois regressa à terra. Casa após um curto namoro, “debaixo de olho dos pais”, com o seu marido, que conheceu na Mourísia entre os trabalhos no campo. Do casamento que já conta com 50 anos, nascem, em casa “à presença de Nosso Senhor”, cinco filhos. Depois de os ter vai vender sardinha pela serra. Diz saber pouco das coisas que não se lembra, mas recorda a sua vida na Mourísia.

# Índice

Identificação "O meu nome é Maria da Conceição dos Santos".....	4
Ascendência "A fazer fazendas para agora ficarem de relva".....	4
Casa Casas da aldeia.....	5
Infância "Assim nos entretínhamos".....	6
Educação "Não tinha memória".....	7
Percurso profissional "Para ganhar alguma coisita, dei cabo de mim".....	8
Namoro "Debaixo de olho dos pais".....	9
Casamento "Só usei a aliança quando foi as bodas de ouro".....	9
Descendência "O consolinho dos pobres".....	11
Religião Constrangimentos de uma aldeia sem padre.....	14
Costumes A festa dos santos.....	15
Lugar A aldeia ontem e hoje.....	16

## **Identificação "*O meu nome é Maria da Conceição dos Santos*"**



### **Maria Conceição dos Santos (Mourísia)**

Chamo-me Maria da Conceição dos Santos. Primeiro, até me chamavam Maria Palmira. A mãe da minha mãe, que era Maria Rosa, parece-me que era Maria Palmira. Depois, diziam:

- "A Maria Palmira? Maria Palmira."

Mas o meu nome é Maria da Conceição dos Santos.

Nasci aqui, na Mourísia. Sei lá quando! Sei que faço anos em Maio, o dia 29. Fiz 80 anos.

### **Ascendência "*A fazer fazendas para agora ficarem de relva*"**

O meu pai era Manuel Gonçalves dos Santos. Mas diziam que ele que tinha dois nomes. Às vezes, chamavam lá nos papéis Manuel Gonçalves dos Santos. Noutro, que vem de Arganil, diz que não há, que está só Manuel Gonçalves. A minha mãe era Maria Rosa. Só o meu pai é que era de Tojo. A minha mãe era de cá. Não sei como é que se eles conheceram. É como digo: eu sei pouco de coisas que não me lembro. Nessa altura, não me recorda se ele veio para cá namorá-

la, se como é que foi. Sei que andavam no campo a trabalhar e a fazer fazendas para agora ficarem de relva.

Éramos quatro irmãos. A minha irmã mais velha estava em Côja. Agora, foi para Lisboa. O meu irmão também está em Côja. Mora lá e vai buscar o comer ao lar. A mais nova era uma que eu tenho cá, na Mourísia, que é Gracinda. É a minha irmã que vendeu aquela casa que agora foi para a Comissão. Eu era chegada à mais nova. Mas ela já tem o cabelo quase todo branco e o meu está bom! O que é tenho frio, não posso andar em cabelo.

### ***Casa Casas da aldeia***

Nascêramos onde é agora a Casa do Povo, aquele salão. Foi donde eu nasci. A casa era pequena. Por baixo, tinha duas lojas. Tínhamos, com licença, o porco, que era mais para além. E para o lado de cá, tínhamos a loja do vinho, das arcas com o milho, com os feijões. Em cima tinha um sótão e lá tínhamos duas camas. Era só dois quartos, mas ainda tínhamos a escada "pia cima"<sup>1</sup> por onde íamos para a rua. Tínhamos que ir por as escadas acima. Se caísse da escada, caía de cima da cama! Nunca me lembra cair para lá, mas era assim. Tinha uma porta para a rua que, depois, com a estrada, ficou sem efeito. Só tinha uma sala e tinha a cozininha, mas também não era muito grande. Puseram uns bordos em volta e a cozinha no meio, que ainda não era como agora que têm fogões e tudo. À porta, tínhamos assim um retrozito, mas era pouco. Tínhamos lá uma estrumada, porque, antigamente, não havia casas de banho, não tinha a gente comodidade nenhuma. Quando fosse para fazer, com licença, o serviço, às vezes, tinha que fazer no bacio. E lá espetávamos para a estrumeira. Depois carregávamos o mato para o renovo. E reproduzia bem! Não me lembra já como tomava banho. Não sei como é que eles se lavavam. Tinha que a gente andar por lavar. Então, não tínhamos casas de banho... Agora já é outra vida.

Quando dividíramos as casas, calhou à minha irmã aquela casa. Depois, lá resolveram vendê-la. Ela foi para outra que têm aqui em baixo. E agora, coitada, está sozinha. Morreu-lhe o marido aqui há uns dois ou três anos. Lá vai indo. Lá tem umas cabritas e sempre as tem tido para andar mais entretida. Eu fui lá para cima, para uma casa que era dos meus sogros. Estive lá até fazer uma cimeira. Para cima, estão umas barracas, para baixo está uma "casola" ao lado de cima e a minha é por baixo da estrada, onde está aqueles arbustos "pia baixo"<sup>2</sup>. Fê-la o meu marido de todo. E depois de estar feita, fôramos para lá. Era malhadinha!

<sup>1</sup>por aí acima

<sup>2</sup>por aí abaixo

É terreira. Só tem um andar e tem sótão por cima. Está a sala de um lado e a cozinha do outro. Mais para além, está um quarto para cima. Agora, é despensa. Puséramos lá umas prateleiras, que compráramos. E lá tenho uma cama. Quando é preciso lá dormir, dorme-se. Tira-se o coiso, está lá o colchão. Temos lá a cozinha também, está a casa de banho, está um quarto e, em frente, é uma sala. Tem o quarto para um lado e a sala para o outro. Agora, donde dormimos mandamos-lhe pôr tela por fora para não ser húmida. E afinal é húmida à mesma. O quarto donde a gente dorme, não sei se é do nosso calor, se do que é, já o pintaram um ano e agora dois e já está quase todo negro da parte da janela. Em calhando, tem que se tornar a pintar. Mas torna-se a pôr outra vez na mesma.

### **Infância "Assim nos entretínhamos"**

Enquanto éramos assim mais miúdas, a gente juntava-se por um lado e por o outro e andava à roda, à roda, atrás uns dos outros:

- "Aqui vai o lenço! Aqui fica o lenço!"

A gente estava todos virados para dentro. Punham o lenço de fora. Qualquer pessoa chegava lá, batiam nele, nas costas, e depois tomava-o. Lá ia a outra a andar. E era assim. Fazia a gente mesmo quando era o nabinho. Depois havia o barqueiro. Botávamos os braços em cima aquém, adiante, um dum lado, outro doutro e depois lá vinham eles a passar "pia aquém"<sup>3</sup>:

"Senhor barqueiro,  
Deixe-me passar!  
Tenho os filhos pequeninos,  
Não os posso sustentar!"  
"Passará, passará  
Mas algum deixará!  
Se não for a mãe de diante,  
É o filhinho de trás!"

Púnhamo-lo depois por cima e agarravam no que lá vinha de trás. Era mais raparigas que aí havia. E a gente brincava uns com os outros. Às vezes, lá no mato ainda se a gente entretinha. Uma dizia uma coisa, outra dizia outra. Assim se nos entretínhamos.

<sup>3</sup>por aí aquém

## Por causa de um abrunheiro

*Uma vez, vínhamos a pé da escola. Agora já os iam lá levar e traziam-nos mas, naquele tempo, tínhamos que ir a pé e vir. Passámos ao Vale do Santo, parece que estava lá um abrunheiro. Chegámos lá, os rapazes foram lá para cima do abrunheiro e nós, as raparigas todas, estávamos cá por baixo à espera que eles caíssem. Éramos algumas três, pelo menos três, encostadas lá a um curral. Chamava a gente uns currais donde se tinha os animais para fazer o estrume, para aquelas fazendas. Estávamos na brincadeira e diz um:*

*- "Ai, vem aí o dono! Ai, Nossa Senhora!"*

*Então é que a gente fugiu por ali acima, todos uns atrás dos outros. Ia lá o meu homem, que agora é meu marido e um cunhado meu, coitado, ainda o bateram. O outro, que andava lá no cimo do abrunheiro, caiu em baixo. Mas fomos todos atrás duns por ali acima, já ninguém via do dono. Caminhávamos bem!*

Era estas coisitas. Muitas, uma pessoa também já não se lembra, já está desnorтеada. Não me lembra de ter bonecos nem bonecas. Não me lembra de ter brinquedos como agora têm. Agora, aquilo é um monte. É o saco cheio. Ainda lá tenho os dos netos e dos bisnetos.

Depois de brincar, vínhamos. Andávamos na fazenda a fazer o que é preciso, a trabalhar para aprender tudo. Semeávamos para aí terras e terras. Andávamos todo o ano a carregar esterco, a cavar e enleirar e tudo.

## Educação "*Não tinha memória*"

Fui andar na escola. Eu penso que não cheguei a fazer a segunda porque, naquela altura, eram muitos! Era a escola na Moura da Serra. Ainda está na Moura donde eu andei. Agora é uma casa que acho que também é da Comissão e a escola é mais para baixo e maior. É grande. Mas no meu tempo era pequena como uma casa. Agora, já não tem alunos. Lá andam só dois. Vem aqui a camioneta buscá-los.

Depois, a gente, às vezes, em lugar de aprender, não aprendia, porque não tinha memória. Então, mandavam aqueles que sabiam mais aos outros:

*- "Ó, vai à fulana que ele dá-te lição!"*

*Que já sabia mais.*

*- "Oh, ela não sabe!"*



Tornava outra vez na mesma:

- "Ai, ela não sabe!"

Aprendi pouco. Eu não tinha memória como tinha uma filha que cá tenho. Aquilo tinha um mimo que ainda hoje é o dia que tenho pena de não a deixar aprender, que ela podia ser professora. Aprendia bem. Ora, na altura, como tinha os outros, não a deixei estudar. E o meu marido também tem memória. Saiu a ele.

Tinha alguns 9 anos quando saí da escola. E não meteram lá mais nenhum irmão meu. A minha irmã não sabe, a outra também não. Como não eram obrigados... E, se era preciso, às vezes, ficar com algum rapaz ou rapariga que fossem meninos, sempre fazia a gente o bem uns aos outros.

Já era crescida, aprendi com uma que está em Lisboa, que se chama Maria Nunes, que é minha prima. A mãe dela era irmã do meu pai. Elas é que me andaram a ensinar a ler e depois lá aprendi mais alguma coisa. Tinha para aí alguns 20 anos, então, se calhar. Quase que fazia uma carta. Depois, comecei lá a ler nuns livros que me vêm de Lisboa, numa campanha que lá há. E os livros vêm tudo com o nome e com o retrato da Nossa Senhora de Fátima. E daí eu ler. Agora, já sei mais um bocadito.

### **Percurso profissional "*Para ganhar alguma coisita, dei cabo de mim*"**

Tinha aí alguns 9 anos ou 10 quando fui servir, que foi ao fim de vir da escola. Primeiro, estive em São João, mas não estive lá muito tempo. Não sei se foi um ano, se foram dois. Depois, fui para o Porto Castanheiro. Aí é que já estive mais tempo, numa casa que era do meu tio Zé Ramos. Andava lá a apanhar o mato e ia à lenha quando era preciso. E, às vezes, ia guardar umas cabeças de gado ou ovelhas com outra mulher, também de lá, que já morreu. Quando era nos baldios, a gente trazia-as "pia além"<sup>4</sup> e, às vezes, punha-se lá sentadas a rir-se e tudo.

Nesse tempo, havia muitos lobos. Daquele lado, andava uma vez um rapaz, que morava ali quase ao pé de mim. Era a casa que agora é da Comissão. E ouviu-se:

- "Ai, lá vão os lobos! Lá vão os lobos!"

O lobo lá levou um cordeiro ou um carneiro lá "pia cima"<sup>5</sup>.

<sup>4</sup>por aí além

<sup>5</sup>por aí cima

Agora que me lembro, estive também no Sardal. Mas daí já tinha mais idade. Os meus 16, 17 anos. Estava lá com uma mulher que tinha três filhos. Ainda a ajudei a criar uma filha.

Quando regresssei cá à terra, já tinha uns anitos. Já devia ter os meus 20 anos ou mais. Andei a vender sardinha quando ainda tinha os filhos. Ia daqui a subir além uma ladeira "pia cima", lá para o Tojo. Ia à Fórnea e de lá vinha para o Soito da Ruiva, para o Sobral Gordo e depois é que vinha para aqui. E foi assim a minha vida. Para ganhar alguma coisita, dei cabo de mim. Agora fiz um exame e o médico disse:

- "Você está toda escangalhada. A coluna está toda escangalhada."

### **Namoro "*Debaixo de olho dos pais*"**

O meu marido morava ao pé da Casa do Povo. Às vezes, até íamos mais raparigas ajudar a sachar, a enleirar e a fazer o que lá tinham os pais dele, porque os filhos andavam a estudar, um para um lado, outro por outro. Depois, lá começámos a namoriscar um com o outro. Namorámos pouco tempo. Se namorássemos aí um ano, foi muito. Primeiro, iam-nos pedir aos pais. Depois, iam lá e estávamos a namorar em casa. Mas estava lá o meu pai e a minha mãe, também. Quando foi no meu tempo, os pais não os deixavam, não os largavam. Ai, ai! Tinha que me andar debaixo de olho dos pais. Nem nos deixavam ir para lado nenhum. Não se tinha ordem de andar. Só se fosse com outras raparigas. E as outras era também assim. Podia acontecer na mesma como eles quando casam, mas dava-nos uma tarefa! Oh! Ah, ah!

Agora é pior que naquele tempo. Começam a namorar, vão para casa e coisa. Raro é aquela que namora que não vá... Oh, oh! Lá vão, às vezes, grávidas. Por isso, é que eu digo que agora vão para casa, deixam-nos sozinhos... Pronto. Casam-se hoje, amanhã separam-se.

### **Casamento "*Só usei a aliança quando foi as bodas de ouro*"**

Lá andámos e começámos a quase que logo a tratar do casamento. Eu já tinha alguns 25 anos quando me casei, me parece. Foi lá em cima, num altozito, naquela capela que chamemos a Capela Nova. Andavam a fazer a outra lá em baixo ou não sei como é que era aquilo e o padre teve que me ir receber na capela de cima. Era um que chamavam o padre João, que era de Pomares.

O meu vestido era um vestido em azul, a modo claro. Comprei outro para vestir depois. Compremos até em Arganil, lá no Mont'Alto, o pano para o outro.

Mas já lá vão. Já esfarrapou-se tudo. A camisa do casamento, ainda a lá tenho! Pois. Naquele tempo, usava-se umas camisas por baixo. Era o sutiã e depois era a camisa de cima. Agora, nem combinação trazem. Eu tenho-as lá.



### **Maria Conceição dos Santos e Francisco Barata numa viagem de autocarro**

O casamento foi em baixo, naquela casa comprida que lá está ao pé da Comissão. Depois, viéramos para cima, que era a casa dos meus irmãos, e lá andáramos a dançar. E o meu marido a fumar naquele dia. Nunca o vi fumar. Nunca! Daquela vez é que eu o vi fumar. É verdade. Mas da gente dele nenhum fuma! O meu pai, que Deus tem, também não fumava. Agora, qualquer um fuma. É mulheres, é tudo! Ainda fumam mais que os homens! Não me lembra as mulheres fumar como é agora uma pouca-vergonha.

Depois, lá nos ajuntáramos. Ficámos a dormir naquela casa que andavam a fazer além, por cima da estrada.

Já fizéramos as bodas de ouro. Foi coisa linda! Aquele dia foi uma brincadeira. Fôramos umas 30 e tal pessoas ao casamento. Eram os que estavam em Lisboa, sobrinhos, cunhados e cunhadas, era os que cá estavam, o meu irmão e irmãs, foram todos. Só os que estavam na França é que não vieram, porque diz que é muito longe. Tive pena de eles cá não virem. O meu genro, que não era meu genro, é que nos tirou as fotografias, que eu tenho lá com os meus netos. Pois, ainda naquele tempo só tinha netos. Netos e netas. E depois fôramos comer ali a Côja, lá num sítio que chamam o Lagar. Já lá fôramos comer umas poucas de vezes. Ainda aquilo foi ali um pagode. Foi um dia de farra.

Só usei a aliança quando foi as bodas de ouro. O casamento não tinha aliança nem nada. Quando foi das bodas de ouro é que comprámos as alianças. Já as lá tinha uma neta minha que se casou em Maio. Diz que eram brancas. Os meus filhos queriam-nas comprar. Mas, depois, nós não queríamos estar a explorar os filhos, compráramo-las. Ele tem-na lá, na gaveta. A minha veio para o dedo, nunca mais dali saiu para fora.

### **Descendência "*O consolinho dos pobres*"**



#### **Filho de Maria Conceição dos Santos (5 de Agosto de 2006)**

Depois de casarmos, o meu marido esteve cá pouco tempo. Fez uma casa donde vivemos. Ele andou por um lado e por outro, que era carpinteiro. Andou a trabalhar nuns poucos de lados. Foram para as Meãs, foram estar em Abril numas minas... Não sei como é que lá chamavam. Ai, muitas coisas uma pessoa esquece. Ele dizia que lá só havia bolota.

Eu estava cá sozinha a criar os cinco filhos. Começaram a aparecer perto uns dos outros. Agora, já têm só os que querem, mas naquele tempo havia muitos garotos. Depois, diziam:

- "Ai, aqui tanto menino!"

- "Então não sabe? É o consolinho dos pobres!"

E era. Eu também foi na mesma. Ia a gente para a cama e era assim a vida. Havia aí um rapaz, e parece que ele que ainda não morreu, que me dizia:

- "Então, ó Maria, já outra vez?"

- Então, tu não vês que não há cá televisão?

Depois, começaram a pôr as televisões, já não fazem tantos!

Lá fôramos, lá íamos indo. Graças a Deus, a gente podia bem. Ele andava lá por fora e eu cá estava a tratar dos filhinhos e andava a fazer o trabalho por fora. A minha mãe, que Deus tem, tinha fazenda lá "pia além"<sup>6</sup>. E quando se foi para o Sobral Gordo, nunca me ficava com eles. Não tinha a quem os deixasse. Só a minha sogra, a mãe do meu marido, é que me criou a mais velha. Criou-me um ano. No fim de um ano, coitadinha, morreu. Já andava grávida dum que está agora na França. Tinha que os eu criar sozinha, levá-los para onde andava. Quando era no Verão, para regar as terras, tinha lá em cima uma poça muito alta. Ia lá todas as segundas-feiras e quartas e despejava a poça. Roçava um molho de mato, fazia um molho de lenha e depois vinha a regar. Só comia, às vezes, à noute. E os filhos andavam a brincar por um lado e por outro. Em se criando, os que pudessem andar já andavam por aí. O que me custou foi os mais velhos. Depois, a rapariga, a minha Natércia, já ficava, às vezes, com eles. E o que foi para a França, esse começou a andar com o pai. Lá andou sempre a dar aquelas voltas todas. Foram trabalhar ali para as Minas da Panasqueira. O pai disse ao encarregado das Minas:

- "Olha lá, metia-me cá um rapazito que lá tenho?"

- "Traga-o lá."

Chegou lá, diz ele assim:

- "Ah, ah! Então, isto é que é rapaz que possa com 30 quilos? Ou 50 quilos ou assim?"

Mas ele depois viu. Era "pequenelho", mas era "teselho" como é o pai, que lá estava. Depois, já gostava dele. De lá é que começaram a andar aí por outros lados. Andaram em Coimbra, andaram em Lisboa, andaram por um lado e pelo outro. O outro, coitadinho, lá se remiu sozinho e lá foi para a Alemanha.

Lá se criaram todos. Quatro estão à mercê de Deus e o mais novo morreu-me há 17 anos. Foi fazer 21 anos à terra. Foi ainda andar por linhas travessas, que ele tinha uma nascida ruim na cabeça. Ainda fui a Coimbra. De Coimbra, fôramos para Vide. Havia lá o Reino de Deus. Aquilo era a passarem lá por uma porta e estarem ali com os olhos fechados. Lá fôramos ainda umas poucas de vezes. Depois, quando viéramos embora, começou lá o pastor - dizem que é os pastores - a bater-lhe na cabeça:

- "Estás curado! Estás curado!"

<sup>6</sup>por aí além

O "curamento" dele foi para debaixo da terra. Comeram-me foi dinheiro e não valeu nada. Deus Nosso Senhor é só um.



**Rafael, bisneto de Maria Conceição dos Santos (2006)**

Já tenho duas bisnetas e um bisneto. Está na França o meu bisneto. E duas bisnetas em Lisboa. Uma já está crescida. É assim a vida.



**Sara, bisneta de Maria Conceição dos Santos**



**Sara, bisneta de Maria Conceição dos Santos**

### ***Religião Constrangimentos de uma aldeia sem padre***

Antigamente, nem tínhamos cá missa nem nada. Era em Pomares. É lá muito longe, lá para baixo! Para irmos à missa, só quando era das festas. Ou quando era, às vezes, numa reunião ou disto ou daquilo. E a pé! Não é de carro como agora. A gente tinha que andar a pé. Por isso, agora é outros tempos. A minha mãe, que Deus tem, e o meu pai foram-se casar a Pomares, onde a gente éramos baptizados. E eu ainda lá fui baptizar pelo menos três. Mas nós, eu e o meu marido, já fôramos fidalgos. Estávamos cá descansadinhos, porque tínhamos padre na Mourísia.

Ao fim, mudaram ali para a Moura da Serra. Eu não queria. Digo assim:

- Eu não mudo para lá! Antes quero vir aqui que tal.

Para ali, quando podia bem, era meia hora que eu subia de lá abaixo ao alto.

Nem lá havia a estrada nem nada. Havia lá uma "estradelha" "pia baixo"<sup>7</sup>. Agora acho que está aberta, que já lá passou uma máquina. Íamos às festas. Mas, para a gente ir e vir a pé, chegava aqui já vinha farta de festa até.

Lá baptizei dois filhos, a que está ali para Castelo Branco e o outro que morreu. Agora, a minha filha nem é crente nem é descrente. Nem baptizaram o filho nem nada. Também não há padre na Moura. Há falta de padres, mas não é cá. Em Fátima e assim noutros lados só se vêem padres. E ali não se vêem.

<sup>7</sup>por aí abaixo

## **Costumes *A festa dos santos***

Ao cimo da aldeia, temos a Capela Nova. Já andaram a compor. Puseram-lhe azulejos por baixo e agora está arranjadinha. Temos lá a Senhora da Saúde, a Senhora da Assunção, o Santo António, a Senhora de Lourdes. A Senhora da Assunção era já velhota. Mas, quando se é velho, também não podem atirar com a gente. Levaram-na lá para cima, está lá. E a Senhora da Saúde foi a Etelvina que a comprou.

Hoje, fazemos a festa em Agosto, mas primeiro era em Maio. Dia de Santa Cruz é que era a festa. Depois, mudaram para o dia 15 ou 16 de Agosto para virem os de Lisboa. O ano passado até fizéramos a procissão das velas na véspera. Levam, vamos supor, a Senhora de Fátima ou outra santa que seja mais leve e o pessoal vem. Mas quando é mesmo procissão, no dia da festa, vai o senhor prior também. É a procissão como deve ser. Vai o padre e o pau, levam os andores e vai a música de trás dos andores, que vão na frente. Vão dar a volta lá em cima, dão a volta lá nessa dita capela e vêm por baixo outra vez "pia aquém"<sup>8</sup>, à capela. Tudo assim organizado.

Depois, põem as ofertas a lanço. Quando é missa campal, a gente faz uma oferta do que tem e quer pôr e põem-nas a lanço. Lançam a leilão para render dinheiro para as santas. Ao resto, aquele que der mais é que fica com as ofertas. É coisas que se comem. Às vezes, põem uma garrafa disto, uns bolos, um pão leve, uma broa, uma frutinha, chouriços...



**Maria Conceição Santos (Mourísia, 6 de Fevereiro de 2005)**

<sup>8</sup>por aí aquém



## **"Dançadeiro era o meu marido!"**

À tarde, andavam no bailarico. Era "esputricarem", a dançarem uns com os outros! Naquele tempo, havia cá dois bailes. Era um aqui em baixo, numa casa que era do meu irmão e da minha irmã. Chamavam-no baile da Caró. E o outro era o baile da Estrela. Era lá em baixo, no fundo do povo. Às vezes, vinham para aí uns de Sobral Gordo com uma concertina. E havia cá um homem, que morava ali ao pé de mim, que era um belo tocador. Chamavam António Joaquim. Então, juntava-se com os de Sobral Gordo e vinham. À noite, a gente estava a comer e já estava a escutar. Já eles vinham para cá tocar. Eu não era muito grande dançadeira. Dançadeiro era o meu marido! Diz que não deixava uma valsa, que andava sempre a dançar e a tocar. Ainda era solteiro, ia com esses da concertina, ali de Sobral Gordo, para o Pisão e para o Monte Frio. Andavam lá até de manhã. Era as mães a dormir e eles ali. Eu não sei qual era a alma que aguentava tanto tempo a tocar e a dançar. Até de manhã cedo. Quando lá vinha, já era de dia. Já era casado e elas antes queriam ir com ele que irem com outro.

Aqui há uns três anos também ainda lá fôramos os velhos. Dançámos ali atrás de roda, de roda.

## **Lugar *A aldeia ontem e hoje***

### **O sustento de todos os dias**

Antigamente, quase todos tinham porcos. Juntávamo-nos e era a matança do porco. Matávamos num dia e comíamos todos juntos, o pessoal mais chegado. Vamos supor: nós e os meus cunhados. Depois, eles matavam, nós também lá íamos. Ao outro dia, ia-se lavar as chouriças e, à noite, migava-se a carne. Depois, enchia-se a carne nas chouriças. Davam umas de carne, outras de sangue, as morcelas, e outras que chamávamos a gente as farinheiras. Eu punha-as, às vezes, numa panela com azeite ou óleo e, cada vez que a gente precisava, ia-se de lá tirando. A outra carne era salgada numa tina. É como uma arca. Botava-se lá a carne e botava-se o sal. Os lombitos é que tinham que se vender, que era para o outro que se comprava. Pois, para o porco, para o próximo ano. A coisa que era a melhor, os presuntos, as duas pás e os lombos, que aquilo era só febra, a gente não os comia. Só comíamos os miúdos. Fazíamos as chouriças daquelas partes que ficavam. Uma vez, a minha mãe tinha um cordão e vendeu o cordão

para comprar o porco. Mas, depois, morreu-lhe o porco. Nem comeu o porco nem tinha o cordão.

Agora, já é outra vida. Já ninguém mata. Já cá não há nenhum porco! É verdade, já acabou tudo. Às vezes, ainda por aí os vêm matar. Depois, uma compra um bocado, outra compra outro, outra compra outro. O mais do resto, vem cá o carnicheiro vender às sextas-feiras e todos compram carne. Eu, agora, já como do Centro, já não preciso. Trazem-mo cá, como-o e, ao outro dia, levam os painéis, os termos. Mas a gente come aquilo tudo, pronto, apodrece mais depressa. A arca tira-lhe as vitaminas. Primeiro, não se comia nada congelado, nem se falava numa arca "congeladeira", nem se falava num frigorífico.

Também comíamos peixe, mas era pouco. A quase que comíamos só carne. Só quando a gente ia à feira é que trazia para a semana inteira. Mas agora, como tem a gente a arca, ela sabe estar sempre fresquinha. Vem aí um homem vender todas as quartas-feiras. O que é, já não faz bem, porque tiram-lhe as vitaminas. O que entrar na arca, tira-se-lhe as vitaminas. Naquele tempo, não tinha arca, não se falava num frigorífico, não se falava nada. Mas agora também tenho arca. Frigorífico, é que não tenho lá, que ele estava a roer muita luz e o meu homem não gosta de estar a gastar muito.

Primeiro, fazia o pão. Mas eu agora não estou para estar lá a fazer. Ainda ficam mais caros, que os que vem vender a padeira. Antes é que nem padeira cá vinha nem nada. Isto só comia broa. Agora, há anos para cá, é que é só comprar pão.

## **Males do corpo, remédios da alma**

Antigamente, os filhos nasciam era em casa. Eu tive os cinco à presença de Nosso Senhor. Ah, era a gente a espremer-se ali! Quando era da mais velha, a minha sogra que Deus tem, Deus a tenha em descanso, dizia ela assim:

- "Salta! Salta!"

Ela tinha boa vontade de saltar. Eram as velhas que assistiam ao parto. Quando nasceu o meu João, o que está na França, ainda fui guardar o meu gado além, daquele lado. Vinha ali atrás dessa capela quando me rebentou a água. É verdade. Agora, já vão para o hospital, já levam injeções, já abrem o corpo. Mas eu nunca fui disso. Era uma pessoa ali a sofrer. Aquilo parece que se partiam os rins. Mas, graças a Deus, tudo se criou. Só vieram a um que nasceu e morreu. Ainda tive que dar 8 contos ao que cá veio. Mas os outros, tive-os em casa todos.

Como eu digo, trabalhei muito. Quando fui sozinha, para criar os filhos, via-me à rasca. Às vezes, nem comia de dia. Era só à noite. Coitadinhos, tinha que fazer o comer por causa dos miúdos, para os criar. E, quando estávamos

doentes, tinham que ir chamar o médico e ele vinha cá. Outras vezes, tínhamos que ir a Avô. Cheguei a lá ir com a minha filha, com a mais velha. Tinha coisas na cabeça, bostelas. Depois, quando adoeciam, tinha a gente que lá ir àquele médico, que em Côja ainda não estava o doutor Coimbra. E ainda levei o meu filhinho, que Deus tem, a Pomares. Tinha que ir lá levar sozinha, numa cesta. Aí é que eu também dei cabo da coluna.

Primeiro, era só em Côja e em Arganil que havia médico. E agora, ali na Moura da Serra, é que usam vir de 15 em 15 dias. Diz que não há médicos, não há médicos, mas agora lá apareceu um que tem vindo. Mas, como o senhor doutor é a pagar, uma pessoa tem que ali largar 30 euros por cada consulta. O que é que a gente há-de fazer? Como eu sou muito doente, se não é de uma coisa, é de outra. Mesmo assim, graças a Deus, nunca fui operada.

### **"Não se via nada"**

Antigamente, não havia luz aqui na aldeia. Era uns candeeiros "pequenelhos" em zinco. Tinham uns coisos pegados por baixo. Por cima era a modo em redondo, onde se acendia. E tínhamos um de mesa que tinha por cima a chaminé. Uma vez, vinha lá a descer umas caleiras e ainda me lembra que zanguiei-me com o estupor do candeeiro. Apagou-se-me! Agarrei, arrumei com ele lá nas penedas! O candeeiro foi para um lado e o coiso por baixo foi para o outro. Depois tive que arranjar um pau e preguei-lhe um prego. Pronto, lá se segurou. Acendiam com petróleo. Sempre foi com petróleo. Mas não se via nada. Uma pessoa deu cabo dos olhos com aquilo. A minha sogra - Deus lá a tenha em descanso - dizia assim:

- "Olha, filhinha, não andes coser... Depois, queres e não podes."

Assim foi. Já tive que fazer operação às vistas, que já não via bem. Se fosse agora, faltando a electricidade, a gente já não sabe o que é que falta. Põe uma vela e, às vezes, esse tal candeeiro que eu digo. Mas nem fazemos caso.

### **Riscos de um lugar desamparado**

Hoje a aldeia está quase tudo de relva. Os mais novos vai-se tudo embora. Só cá ficam os velhotes. O meu marido andava ainda a cultivar fazenda para quê? Agora, está tudo a criar giesteiras. Da parte de lá - chamamos lá a Capela nova - está uma courela que está já de relva também. Ainda o ano passado ele cultivou lá o chão, ainda lá cavou uma leira. Mas este ano já se não acha com coragem. Só anda lá um bocado para se entreter. Eu também não posso.